Parla!

TAPETE *JOSÉ E SEUS IRMÃOS*

ORIGEM CULTURAL DOS TAPETES

Em episódio quase imperceptível da *Odisseia*, Homero narra que Helena, agora de volta à Grécia, manda que suas criadas estendam no chão diversos cobertores de lã, a fim de que seus convidados possam descansar. A palavra que Homero usa para esses cobertores é *tapés*, que, no contexto da poesia clássica, talvez se refira a um pesado tecido feito de pele e couro de animal. Também Ovídio, nas *Metamorfoses*, descreve uma tapeçaria ricamente elaborada por Aracne, que contava as aventuras amorosas dos deuses com muitos detalhes. Pela impertinência, Aracne foi transformada em uma aranha (FORD, 2007). Esses são alguns exemplos que a tradição clássica traz sobre a fabricação e o uso de tapetes em ambientes domésticos.

O tapete mais antigo de que se tem notícia foi encontrado na Sibéria, sul da Rússia, perto das montanhas de Altai. Ali floresceu uma cultura seminômade denominada Pazyryk, por volta dos séculos VI a III a.C., e o tapete em questão foi escavado de uma câmara funerária em 1949 (Fig. 1). Pode-se notar nele diversos motivos geométricos no campo principal, que é circundado pela figura de diversos animais, provavelmente alces e cavalos. Feito de lã, mede quase dois metros de cada lado. Estudiosos acreditam que esse tipo de manufatura não se iniciou entre civilizações localizadas em climas quentes, como a egípcia e a babilônica. O tapete de Pazyryk demonstraria como a tradição de tecelagem de fios pesados, como a lã, é diretamente ligada a determinados locais e culturas de clima mais temperado. Por conta disso, alguns dos principais exemplares de tapetes podem ser encontrados nos territórios da Ásia Central, no Cáucaso e na Sibéria (FORD, 2007).

Figura 1

TAPETE (Cultura Pazyryk)

c. sécs. V – IV a.C.

Lã

São Petersburgo, Museu Hermitage (RU)

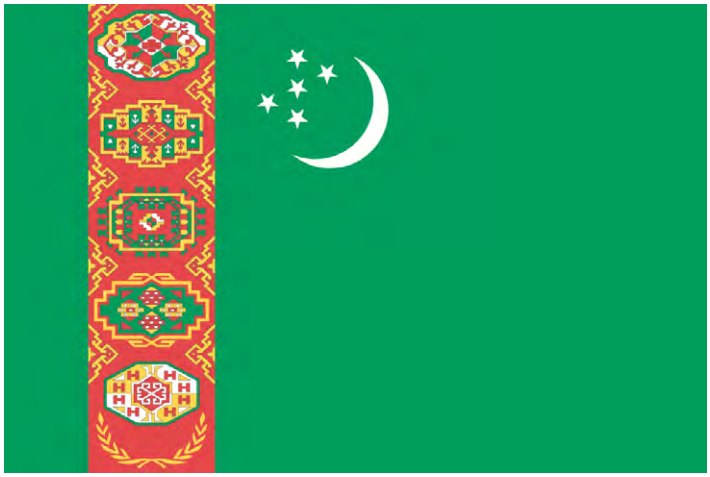
Mesmo assumindo sua utilidade para aquecer o ambiente, não se sabe ao certo com que objetivos as comunidades humanas utilizavam tapetes – se usavam como uma cobertura para o chão, ou como cobertores nas camas, ou até como adornos parietais. Tudo ainda é fruto de muita conjectura, já que não sobram mais do que fragmentos de tapetes produzidos até o século XIII da era comum. Apesar disso, esta é uma manufatura que vem se desenvolvendo ao longo de mais de 2.000 anos, em vários lugares e entre culturas muito diversas. Um desafio tão grande quanto o de desvendar a história pregressa dos tapetes é o de mapear a atualidade e variedade dessa produção em nosso tempo, onde países como China, Índia, Paquistão, Azerbaidjão, Irã e Turquia – para listar apenas alguns – inundam os mercados com cores e padrões únicos.

COMO RECONHECER UM TAPETE ORIENTAL: TERMOS TÉCNICOS E SIMBOLOGIAS PRINCIPAIS

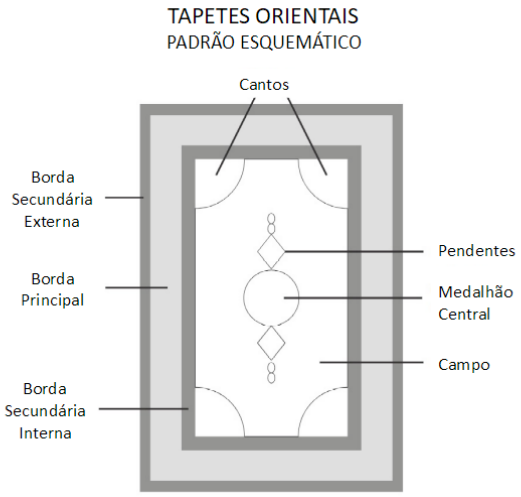
Para uma introdução bastante didática, pode-se considerar que existam dois grandes grupos de tapetes, já que são aqueles comumente encontrados em coleções particulares ao redor do mundo. De um lado tem-se os tapetes turcomanos: apresentam, em sua maioria, cores terrosas que variam entre o vermelho, o bordô e o marrom. Em contraste, podem também apresentar contornos e desenhos em preto ou branco. Sua característica principal é a presença de padrões geométricos em repetição por todo o campo: losangos, hexágonos e octógonos são os mais comuns. Em alguns casos, apresentam padrões abstratos de linhas em ângulos de 90°, 45° ou 180°. Esses padrões geométricos são criados a partir de um tipo de nó chamado *Ghiordes*, ou "nó turco", onde o fio é trançado de forma simétrica (MAY, 1952; FORD, 2007).

Tapetes turcomanos são produzidos nos países da Ásia Central e na Anatólia, com destaque para o Azerbaijão, o Turcomenistão, o Uzbequistão e o Afeganistão. Partilham entre si a formação étnica turca e a religião islâmica. Cada um desses países possui padrões que lhes são característicos, sendo o Turcomenistão um exemplo característico. O país abrange em seu território cinco diferentes tribos turcomanas, que são Chador, Ersari, Sary, Tekke e Yomut, cada uma apresentando um padrão característico (STONE, 2013). Com a dissolução da União Soviética, o Turcomenistão passou a adotar como símbolos nacionais os medalhões dessas cinco tribos, dispostos agora em sua bandeira nacional (Fig. 2).

De outro lado tem-se os famosos tapetes persas, objetos de muito valor decorativo e símbolo social. São produzidos em todo o território do Irã, seja em pequenas manufaturas familiares em vilarejos tradicionais, até os grandes centros urbanos de capacidade industrial. Pelo seu alto valor no mercado de artigos de luxo,



Fligura 2
Bandeira da República do Turcomenistão
Wikimedia Commons.



Fligura 3

Padrão esquemáticos dos tapetes persas

Wikimedia Commons

chamam de “tapete persa” todo o tipo de tapete produzido no Oriente Médio, o que induz o possível comprador a um erro grosseiro (STONE, 2013). Sua padronagem é essencialmente floral, trazendo emblemas de flores, ramos ou mesmo árvores inteiras, com galhos muito intrincados. Possuem também cores vibrantes de diversos matizes. Essa elaboração complexa é feita a partir de nós assimétricos chamados *Senneh*, ou “nó persa” (MAY, 1952; FORD, 2007)

Os tapetes persas são reconhecidos também por sua diagramação característica (Fig. 3). Possuem um grande medalhão no centro do tapete, podendo este ser circular ou losangular. Seu interior é decorado com motivos florais, ou geométricos, que podem ser encontrados em outras partes do tapete. Ligam-se ao medalhão central dois pendentes, um acima e outro abaixo, que complementam os padrões desenhados. Ao redor tem-se o campo geral do tapete, geralmente liso, sem decorações. E em cada aresta do campo vê-se cantos, que são geralmente decorados com os mesmos motivos do medalhão central. Ao redor do campo, fechando o tapete, tem-se uma sequência de bordas, que foram um ângulo de 90° com os cantos do campo.

No entanto, mesmo dentro da lógica dos tapetes persas existem variações. Os chamados *tapetes jardim* são tapetes adornados com intricados arabescos que imitam cipós, gavinhas, estames e galhos. Também incluem folhas e flores em botão. Não apresentam medalhão central ou cantos decorados, mas suas bordas são ricamente adornadas. É provável que esses tapetes fossem feitos para emular os fabulosos jardins do império sassânida. Também destacam-se os *tapetes pictóricos,* tapetes desenhados com paisagens e pessoas, da forma mais real e natural possível. É um tipo de tapete muito incomum na tradição oriental, mas que

é produzido em importantes centros produtores de tapetes, como Kirman e Tabriz (STONE, 2013).

Por fim, destaque-se também os *tapetes de oração*, símbolo maior de reverência e fé da tradição islâmica. Tapetes de oração estão presentes tanto na tapeçaria turcomana quanto na persa, e até na tapeçaria de outros países com populações islâmicas, como a Índia, a China e todos os países do Cáucaso. Muçulmanos ortodoxos oram até cinco vezes por dia, e o tapete de oração oferece um espaço limpo para esse momento solene. São decorados com uma janela em forma de arco chamado *mihrab*, que é, por seu turno, uma alusão à *qibla* – uma construção em pedra, localizada em uma das paredes da mesquita, que indica o sentido da oração para Meca, a cidade sagrada para o islamismo. Deduz-se que o *mihrab* tenha ainda uma significância mística durante a oração, enquanto janela que se abre para o céu, mas também como porta que acessa a infinita sabedoria divina. Tapetes de oração genuínos são raros de se encontrar nos mercados, mas, a partir da demanda do Ocidente, fabricantes de tapetes costumam utilizar o padrão do tapete de oração em conjunto com outras decorações (FORD, 2007).

O TAPETE *JOSÉ E SEUS IRMÃOS* DA COLEÇÃO EVA KLABIN

Uma das primeiras peças a ser apreciada na Casa Museu Eva Klabin, logo no corredor de entrada, é o tapete persa *José e seus irmãos* (Fig.4), feito na região de Tabriz, por volta do final do século XIX, de algodão e lã tingida. Tabriz é a capital da província do Azerbaijão Oriental, noroeste do Irã, uma região povoada pelos azeris, povo turcomano que também é o grupo étnico predominante na República do Azerbaijão, e de maioria muçulmana xiita.

O tapete descreve o episódio bíblico de José sendo vendido como escravo pelos seus irmãos, conforme narrado no livro do Gênesis [37:12-36]. Diz o relato bíblico que José era o filho mais novo do patriarca Jacó, muito amado por este pois era o primeiro filho de sua relação com Raquel, sua esposa preferida. Jacó tinha outros dez filhos, mas amava José acima de todos. E para demonstrar esse amor, Jacó presenteou José com uma túnica colorida. Vendo isso, seus irmãos se encheram de inveja e decidiram matá-lo. Porém, Rúben, o irmão mais velho de todos, convenceu os demais a jogar José em uma cisterna no deserto, até decidirem o que fazer com ele. Pensava que assim a ira dos irmãos se aplacaria e ele seria devolvido ao seio da família. Entretanto, Judá, um outro irmão mais velho, decidiu com os demais vender José a mercadores de escravos que passavam pelo deserto, sem que Rúben soubesse disso. Com esse estratagema, Rúben foi obrigado a participar da trama dos irmãos.

Figura 4

TAPETE TABRIZ (José sendo vendido como escravo pelos seus irmãos)
Pérsia, c. final do século XIX
Algodão e lã tingida
Rio de Janeiro, Casa Museu Eva Klabin (BR)

Pegaram a túnica de José, embeberam-na com o sangue de um cabrito e deram-na para Jacó, dizendo que José havia sido morto por um animal selvagem (BÍBLIA, 2000).

A tapeçaria mostra o exato momento em que José é retirado da cisterna para ser entregue aos mercadores de escravos. Dividido em duas partes, vemos, na cena inferior, o jovem José sendo arrastado por seus irmãos para fora da cisterna, enquanto é observado por guardas armados da caravana. No canto inferior direito, vemos um dos irmãos segurando a túnica de José, o presente que seu pai lhe dera. Na cena superior, a caravana está se preparando para seguir jornada para o Egito, conforme narra a passagem bíblica. Vemos então o chefe da caravana entregando uma pesada bolsa para uma pessoa – provavelmente Judá recebendo o pagamento de vinte siclos de prata[1] pelo irmão. A partir desse momento, a vida de José seria transformada para sempre. Apesar das diversas agruras, seus dons e habilidade o destacam na sociedade egípcia. Chega inclusive a interpretar sonhos para o faraó, livrando o Egito de sete anos de seca e desabastecimento que assolaram toda a Terra. É nesse momento que José se reconcilia com seus irmãos, levando toda a família para viver no Egito.

1 Um siclo é uma antiga unidade de medida utilizada no Antigo Testamento, e é equivalente a 11,4 gramas de prata (BÍBLIA, 2000).

Figura 5
TAPETE TABRIZ (Jardim)
Pérsia, c. 1914-1920
Algodão e lã
Rio de Janeiro, Casa Museu Eva Klabin (BR)

Tabriz era um importante centro produtor de tapetes persas, com manufaturas datando desde o século XV. Em meados do século XIX, passou a produzir tapetes por encomenda para os governantes do império Qajar, a dinastia que governava a Pérsia na época. Em Tabriz produziam-se tapetes de diversos tipos, com decorações florais e pictóricas, até tapetes de oração. Embora muito populares, tapetes pictóricos são considerados *naqsh-e ghalat*, ou "fora de padrão", pois não são tradicionais da tapeçaria persa (STONE, 2013). Isso leva a crer que o tapete José tenha sido uma encomenda especial, quem sabe um presente para algum dignatário ocidental. No entanto, não se pode desprezar o fato de que José é uma figura de destaque também no islamismo, sendo ele descendente do patriarca Abraão.

OUTROS TAPETES ORIENTAIS NA COLEÇÃO EVA KLABIN

A Casa Museu Eva Klabin possui uma variada coleção de tapetes orientais, vindos de diversos lugares e abarcando diversas culturas. Destaquem-se aqui alguns desses tapetes. Dada a importância das manufaturas de Tabriz, a coleção exibe dois outros belos exemplares dessa região no segundo andar do museu. Logo no Hall Superior, vê-se um largo tapete jardim em tons de vermelho e amarelo (Fig. 5). Descortina-se

sobre o campo um emaranhado de ramos e galhos, folhas e flores de diversos tipos. Sua borda também é finamente decorada com arabescos florais, que se articulam nos cantos formando uma grande guirlanda.

O outro tapete Tabriz se encontra no Quarto de Dormir, e descreve uma imponente cena de caça (Fig. 6). Suas cores são variadas, com a presença do verde e do azul, além de tons terrosos. O campo se enche de uma paisagem naturalista, onde percebem-se árvores e arbustos. Alguns dos animais se escondem entre essas folhagens. Homens montados a cavalo armam-se de lanças, arcos, flechas e espadas, e com essas armas caçam leopardos, veados e coelhos. Mesmo considerado fora de padrão, esse tapete de caça, assim como o de *José*, atestam a alta capacidade técnica e inventividade dos artesãos persas.

Ainda no quarto de Eva Klabin, no lado direito da cama, tem-se um pequeno tapete de Feraghan (Fig. 7), região de planície na parte ocidental do atual Irã, onde fica a cidade Arâk. É um tapete importante, pois vê-se ali a padronagem mais comum entre os tapetes persas. Possui cores escuras, com um campo de

Figura 6

TAPETE TABRIZ (Cena de caça)

Pérsia, início do século XX

Algodão e lã tingida

Rio de Janeiro, Casa Museu Eva Klabin (BR)

Figura 7

TAPETE FERAGHAN

Pérsia, final do século XIX

Algodão e lã tingida

Rio de Janeiro,

Casa Museu Eva Klabin (BR)

marrom e com bordas e cantos de vermelho. Notam-se, em alguns arabescos florais, a presença de verde ou azul. A cor do campo parece feita especificamente para ressaltar o medalhão central, onde se escreve o símbolo do leão e do sol, antigo símbolo régio dos xás da Pérsia (STONE, 2013).

As regiões turcomanas também estão representadas na coleção de tapetes da CMEK. Saindo do quarto, em direção à Sala Verde, o tapete que decora o Boudoir é um tapete Yomud (Fig. 8), uma das tribos turcomanas do Turcomenistão. Chegando à Sala Verde, de frente para a estante de livros, encontra-se um belo exemplar de um tapete Afghan, proveniente do Afeganistão (Fig.9). Ambos são predominantemente vermelhos, com o uso do preto para dar volume às formas geométricas. O tapete Yomud também conta a presença de detalhes em amarelo e marrom, e também branco para criar texturas. Como manda a tradição dos povos turcomanos, cada um apresenta, em repetição, os medalhões típicos de sua cultura. O medalhão Yomud tem formato de losango, inserido com desenhos que se assemelham a uma âncora. O medalhão Afghan é octogonal e faz uso de campos com cores espelhadas (STONE, 2013).

Figura 8

TAPETE YOMUD

Turcomenistão, final do século XIX

Lã tingida

Rio de Janeiro, Casa Museu Eva Klabin (BR)

Figura 9

TAPETE AFGHAN

Afeganistão, século XX

Lã tingida

Rio de Janeiro,

Casa Museu Eva Klabin (BR)

O especialista Giovanni Curatola apresenta em sua obra (CURATOLA, 1982) um tapete Tabriz muito semelhante ao tapete José da CMEK (Fig. 10). Localizado em uma coleção particular, parece um recorte apenas da cena superior, onde Judá recebe os siclos de prata dos mercadores de escravos. Nela vemos os mesmos personagens, em posições muito semelhantes em ambos os tapetes. Ao fundo da cena, observando tudo, dois personagens desconhecidos se apresentam na composição. Abaixo deles vemos a cisterna onde estaria José, aguardando pelo desfecho desse seu infortúnio. No entanto, não vemos José, nem os demais irmãos, conforme descrito no tapete da CMEK. O tapete apresentado por Curatola tem decorações florais em todo o campo e apresenta construções em perspectiva, demonstrando a técnica e o engenho do artesão. Possui ainda inscrições por toda a borda. Pelas semelhanças estilísticas, e dada a mesma origem de ambos os tapetes, pode-se supor que ambos tenham saído da mesma manufatura. Especula-se que um certo Haji Jalil foi um dos maiores artesão de tapetes de Tabriz, embora não existam fortes evidências de sua existência (STONE, 2013).

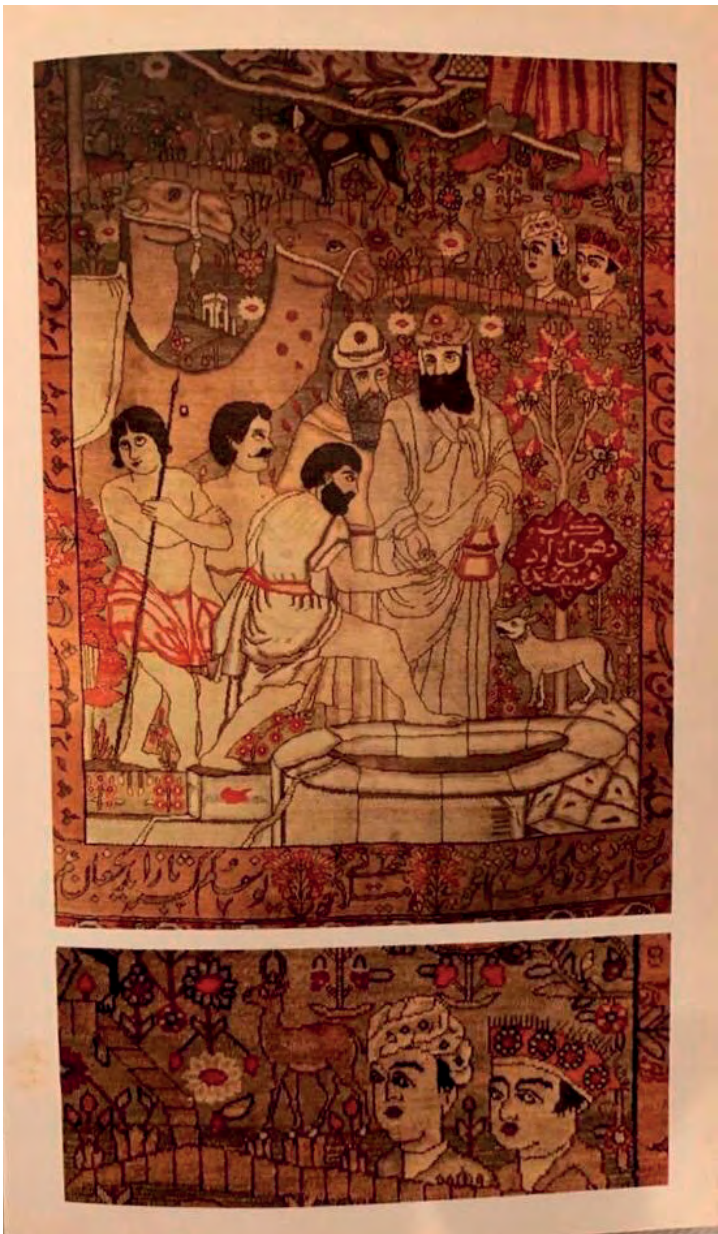


Figura 10

TAPETE TABRIZ (José sendo vendido como escravo pelos seus irmãos)
Pérsia, c. século XIX.
Seda, algodão e lã
Coleção Particular

BIBLIOGRAFIA

BÍBLIA. Português. *Bíblia de Referência Thompson*. Tradução de João Ferreira de Almeida. Edição contemporânea. Compilado e redigido por Frank Charles Thompson. São Paulo: Vida, 2000.

CURATOLA, Giovanni. *Les Tapis*. Paris: Fernand Nathan Éditeur S.A., 1982.

FORD, P.R.J. *Oriental Carpet Design*. Londres: Thames and Hudson Ltd., 2007

MAY, C.J. Delabere. *How To Identify Persian Rugs and other Oriental Rugs*. Londres: G. Bell and Sons Ltd., 1952.

STONE, Peter F. *Oriental Rugs*. Nova Iorque: Turtle Publishing, 2013.